

## A avaliação pragmática de actos de fala condicionais em português e em japonês

Sandi Michele de OLIVEIRA

Um acto de fala condicional é uma frase cuja estrutura aparenta ser uma condicional, mas que funciona em termos semânticos/pragmáticos como um acto de fala—um convite, por exemplo, como na frase *Se tens sede, há cerveja no frigorífico*. Em 1998 iniciámos um projecto sobre a aceitabilidade de frases deste tipo, projecto que tinha a sua inspiração numa palestra de Eve Sweetser (1998) na qual ela considerou diferenças entre os espaços mentais criados por frases deste tipo relativamente a frases condicionais verdadeiras. O primeiro acto de fala condicional que ela tomou como exemplo foi *If you are hungry, there are cookies on the table [Se estás com fome, há biscoitos na mesa.]*. Em inglês entendemos que o falante convida o ouvinte a comer biscoitos, que estão na mesa. Apesar da palavra “se”, nenhuma condição está expressa—ou seja, se o outro tem fome ou não, os biscoitos estão na mesa, e o ouvinte pode comê-los. É a nossa competência pragmática em inglês que nos permite reconhecer a frase como um convite, e raramente ouvimos alguém comentar a incongruência literal (“Oh, quer dizer, que se não estou com fome os biscoitos não estão na mesa?” Ou, ainda mais impertinente, “Oh, quer dizer que se não tenho fome, não posso comer nenhum?”).

Uma outra frase examinada por Sweetser foi *If you need help, my name’s Susan [Se precisares de ajuda, chamo-me Susana]*. Neste caso, entendemos que a falante está a oferecer a sua ajuda, caso for necessário, bem como o seu nome, no caso do outro querer contactá-la. Enquanto no primeiro exemplo a ligação semântica entre os dois elementos principais (fome e biscoitos) está clara, neste não está: uma necessidade de ajuda e o nome do falante. Não obstante, a construção ouve-se com alta frequência nas lojas nos EUA e assim não soa mal ao ouvido americano.

Sweetser afirmou ainda que nas frases verdadeiramente condicionais era através da estrutura *se...então* que se estabelecia a condição. Nos actos de fala condicionais, nenhuma condição existe, e assim, não consta a palavra *então* nestas frases. Assim, Sweetser declarou que seria inaceitável dizer, *If you are hungry, then there are cookies on the table [Se estás com fome, então há biscoitos na mesa]*; a palavra *então* aparece sublinhada meramente para acentuar a sua presença na frase, não para indicar qualquer acentuação da palavra na forma oral.]

Foi esta palestra de Sweetser que nos fez considerar diferenças entre o inglês e o português. Enquanto *Se estás com fome, há biscoitos na mesa* parecia aceitável, e parecia indicar um convite para comer, *Se precisares de ajuda, chamo-me Susana* não soava bem ao nosso ouvido. Desde 1998 o projecto já teve várias fases; neste artigo pretendemos traçar o percurso destas investigações.

O instrumento original foi um inquérito de dez frases representando quatro graus de coesão (ou distância) semântica entre os elementos nucleares das duas orações (Nível 0 a Nível 3). Uma única frase do Nível 0 serviu de controle: *Se quiseres outra coisa, é só dizeres*. Designámos esta frase como representante do Nível 0, por ser uma simples condicional. Não havia hiato semântico que era preciso “fechar” para se poder compreender a frase, e o acto de fala, o convite, estava claro e expresso.

As frases do Nível 1 eram aquelas nas quais existia uma relação semântica entre os núcleos lexicais das duas orações. No entanto, faltava um elemento, que era a expressão do acto de fala. Representativas deste nível eram as seguintes frases:

<i>Se quiseres boleia até Lisboa, vou às 4 da tarde.</i>	(convite)
<i>Se estiveres com sono, a cama está feita na outra sala.</i>	(convite, sugestão)
<i>Se estás doente, há sempre um médico de serviço.</i>	(sugestão)

Dois frases adicionais estavam incluídas para testar a aceitabilidade de *então*:

<i>Se estás com fome, então há biscoitos na mesa.</i>	(convite)
<i>Se estás com pressa, então os táxis estão ali à esquina.</i>	(sugestão)

Apesar de faltar um elemento, a conexão semântica entre os elementos lexicais estava clara: *sono/cama, doente/médico, boleia/ir, fome/biscoitos, pressa/táxis.*

Tanto nas frases do Nível 2 como nas do Nível 1 verificou-se a falta de um acto de fala expresso. No entanto, no Nível 2 a relação semântica entre as duas orações não estava tão directa:

*Se estás com sede, temos intervalo daqui a 15 minutos.* (convite, sugestão)  
*Se não tens nada a fazer esta tarde, há um novo filme com [actor].* (convite, sugestão)

Nas frases do Nível 3 a distância semântica era ainda maior, e as frases representativas deste nível no estudo eram:

*Se precisares de ajuda, chamo-me \_\_\_\_\_.* (convite)  
*Se tens problemas com o computador, o rapaz do Centro de Informática chama-se \_\_\_\_\_.* (sugestão)

Nestas duas frases, a distância semântica entre a necessidade de ajuda e o nome de uma pessoa era demasiado grande para os dois elementos formarem um par lógico. Para além do acto de fala que não estava expresso, a relação semântica entre as duas orações devia estabelecer-se. Nestes dois exemplos, a peça que faltava foi a indicação que a pessoa referenciada na oração de resolução (a principal) era a pessoa apropriada para contactar.

Resumindo, as frases do estudo original eram:

### QUADRO 1 Graus de Coesão Semântica entre as Orações

Nível		
0	Não há hiato semântico que é preciso saltar para se poder entender a frase; o acto de fala está claro e expresso.	
	<i>Se quiseres outra coisa, é só dizeres.</i>	(Frase de controle.)
1	Os núcleos léxicos das duas orações têm uma relação semântica próxima; no entanto, o acto de fala é subentendido, não expresso.	
	<i>Se estiveres com sono, a cama está feita na outra sala.</i> <i>Se estás doente, há sempre um médico de serviço.</i> <i>Se quiseres boleia até _____, vou às 4.</i> <i>Se estás com fome, então há biscoitos na mesa.</i> <i>Se estás com pressa, então os táxis estão ali à esquina.</i>	<i>convite</i> <i>sugestão</i> <i>convite</i> <i>convite</i> <i>sugestão</i>
2	A relação semântica entre as duas orações não está tão próxima; o acto de fala não está expresso.	
	<i>Se estás com sede, temos intervalo daqui a 15 minutos.</i> <i>Se não tens nada a fazer esta tarde, há um novo filme com _____.</i>	<i>convite / sugestão</i> <i>convite / sugestão</i>
3	Para além do acto de fala não expresso, existe um hiato semântico que precisa ser saltado para se entender a ligação entre as duas orações.	
	<i>Se precisares de ajuda, chamo-me _____.</i> <i>Se tens problemas com o computador, o rapaz do Centro de Informática chama-se _____.</i>	<i>convite</i> <i>sugestão</i>

Fonte: Oliveira (1999)

Em 1999 foram recolhidos dados do português europeu, do inglês americano, do japonês e do dinamarquês para se poder determinar o grau de aceitação da frase de controle e destes 9 actos de fala condicionais em que o acto de fala não está expresso. A lista de frases não seguia esta ordem, para não influenciar as respostas obtidas. Como pretendíamos obter uma avaliação espontânea por parte dos informantes, apresentámos cada frase oralmente, sem qualquer entoação especial, dando pouco tempo para os informantes responderem. Não quisemos dar-lhes tempo para reflectirem demasiado sobre os aspectos gramaticais ou pragmáticos. Com a explicação da tarefa e da escala a utilizar, a duração total por informante foi de dois a três minutos.

O segundo quadro apresenta os resultados globais desse estudo preliminar, que contou com um total de aproximadamente 150 informantes nos quatro países. Foi possível recolher dados no Japão através da colaboração do Professor Doutor Seiji Shibata (da Kagawa Medical University) e da Professora Doutora Kumiko Takahara (da Universidade de Colorado, nos EUA).

**QUADRO 2**  
**Ordenação de Frases**  
(pelos valores médios das respostas dos informantes portugueses)

Avaliação: 4 = Totalmente aceitável  
3 = Não soa muito bem, mas provavelmente está correcta  
2 = Não soa bem, e provavelmente não está correcta  
1 = Totalmente inaceitável

Nível		DK	JP	PT	EUA
0	Se quiseres outra coisa, é só dizeres.	3.9	3.5	3.9	3.7
1	Se quiseres boleia até Lisboa, vou às 4.	3.7	2.7	3.8	3.1
1	Se estiveres com sono, a cama está feita na outra sala.	3.3	3.1	3.4	3.1
1	Se estás com fome, então há biscoitos na mesa.	3.3	2.5	3.3	3.0
2	Se não tens nada a fazer esta tarde, há um novo filme com _____.	3.0	2.1	3.3	2.7
1	Se estás doente, há sempre um médico de serviço.	2.8	3.0	3.0	3.5
2	Se estás com sede, temos intervalo daqui a 15 minutos.	2.9	2.7	2.9	3.0
1	Se estás com pressa, então os táxis estão ali à esquina.	3.0	3.1	2.8	2.8
3	Se precisares de ajuda, chamo-me _____.	2.5	2.1	1.8	3.3
3	Se tens problemas com o computador, o rapaz do Centro de Informática chama-se _____.	2.9	2.1	1.8	2.8

DK = Dinamarca JP = Japão PT = Portugal EUA = Estados Unidos da América

Fonte: de Oliveira 1999.

Neste estudo demonstrámos a existência de variação: em geral, os dinamarqueses e os norte-americanos pareciam aceitar melhor actos de fala condicionais, do que os portugueses e japoneses, e a variação encontrada parecia ligar-se geralmente à relação semântica entre os elementos nucleares das duas orações de cada frase; ou seja, os valores relativos aos informantes em cada país tinham a tendência a diminuir com a redução da coesão semântica.

Tendo determinado que a variação no grau de aceitação destas frases era maior em português e em japonês, resolvemos focar mais atentamente essas duas línguas. Assim, com a colaboração da Prof.<sup>a</sup> Takahara, foram contextualizadas as frases, tendo em conta as culturas em questão.

Os dados portugueses revelaram uma preferência por parte dos informantes por formulações entre pessoas que se tratam por *tu*, porque os informantes sentiam que, convencionalmente, os convites deveriam ser mais directos. A informalidade de um acto de fala condicional condizia melhor com uma forma de tratamento

informal. Quando lhes foi solicitada a formulação de um convite, tanto os falantes japoneses como os portugueses forneceram convites e sugestões mais directos, sem recorrer a formulações de actos de fala condicionais (Oliveira & Takahara 2000; Takahara & Oliveira 2000).

Em Abril de 2002 organizámos um projecto de investigação de campo em Évora, Portugal, onde seis estudantes da Universidade de Copenhaga fizeram pesquisa (entrevistas, observações e inquéritos) principalmente sobre dois temas: actos de fala condicionais e formas de tratamento. Recolheram informações de quase 200 informantes.

Para manter a possibilidade de comparar os dados, o inquérito sobre os actos de fala conservou alguns elementos idênticos a formulações anteriores. Inovadora nesta versão do inquérito, composto por 60 itens, foi a inclusão de aspectos que nos possibilitaram medir a reacção dos informantes. Por exemplo, no contexto de se estar com fome, iriam os informantes sentir-se constrangidos em comer o pão, devido à formulação do convite?

Sendo o inquérito demasiado extenso para se poder apresentar os dados relativos a todos os itens, consideraremos algumas questões relacionadas com apenas duas situações: *Se tens fome, há pão na mesa* (convite do nível 1) e *Se não tens nada para fazer esta tarde, há um novo filme com Joaquim Almeida* (sugestão e/ou convite do nível 2). O Quadro 3 apresenta a formulação desta parte do inquérito:

### QUADRO 3 Formulação das Situações em Apreço

#### Situação 1:

Imagine que depois de duas horas em casa de um amigo, ele diz: “Se estás com fome, há pão na mesa.” Na sua opinião, esta frase é ou seria ...

<i>Totalmente aceitável</i>	_____	(4 pontos)
<i>Não soa muito bem, mas provavelmente está correcta</i>	_____	(3 pontos)
<i>Não soa bem, e provavelmente não está correcta</i>	_____	(2 pontos)
<i>Totalmente inaceitável</i>	_____	(1 ponto)

Supondo que entende a frase, interpreta-a como um convite para comer o pão? \_\_\_\_\_  
Se entendesse a frase como convite, sentir-se-ia constrangido(-a) pelo convite ter sido formulado desta forma? \_\_\_\_\_ Comería o pão? \_\_\_\_\_ Ficaria ofendido(-a) pela sua formulação ser assim? \_\_\_\_\_

E se a formulação fosse: “Se estiveres com fome, há pão na mesa.” (com “estiver” em vez de “estás”)... Soa melhor com “estás” ou com “estiveres”? “Se estás...” soa melhor \_\_\_\_\_  
“Se estiver...” soa melhor \_\_\_\_\_ É igual \_\_\_\_\_

Na sua opinião, há uma diferença com esta formulação? (qual?) \_\_\_\_\_

Agora, imagine que em vez de dizer que há pão na mesa, o seu amigo diz: “Se estiveres com fome, há muita coisa no frigorífico.” O sr. / A sra. abriria a porta para ver o que estava lá dentro? \_\_\_\_\_ Manifestaria o desejo de comer algo (Sim? Não?) \_\_\_\_\_ (Se SIM), o que diria? \_\_\_\_\_

Se convidar alguém, não muito bem conhecido, a sua casa (pela primeira vez), seria delicado, pouco delicado ou indelicado formular o convite dizendo: “Se está com fome, há biscoitos na mesa”? Delicado \_\_\_\_\_ Pouco delicado \_\_\_\_\_ Indelicado \_\_\_\_\_

Em geral, quando (o sr./a sra.) quer oferecer algo de comer, o que diz? \_\_\_\_\_

### Situação 7:

Imagine que está a ter um dia aborrecido. Em conversa com um amigo, ele diz: “Se não tens nada para fazer esta tarde, há um novo filme com Joaquim Almeida”---como interpretaria esta frase? (Como sugestão... .... Ou ... como convite? \_\_\_\_\_)

E se dissesse: “Se não tiveres nada que fazer esta tarde, há um novo filme com Joaquim Almeida”---interpretaria esta frase ... como sugestão... ou como convite? \_\_\_\_\_

Se ouvisse um chefe, em conversa com o seu adjunto, dizer: “Se não tem nada para fazer esta noite, há um novo filme com Joaquim Almeida”, o sr./a sra. interpretaria esta frase como sendo uma sugestão ou convite? \_\_\_\_\_

Se ouvisse um adjunto dizer essa frase ao seu patrão, acharia estranho? \_\_\_\_\_ Interpretaria essa frase como sendo sugestão ou convite? \_\_\_\_\_

Globalmente o grau de aceitação da primeira frase (“Se estás com fome, há pão na mesa.”) foi na ordem de 3,35, entre o “totalmente aceitável” e “não soa muito bem, mas...” valor bastante semelhante àquele obtido no primeiro estudo (3,3). Não nos surpreendeu constatar que as pessoas que atribuíram a esta frase um maior grau de aceitação revelavam maior tendência para interpretar a frase como um convite para comer.

Muito surpreendentes foram as respostas às perguntas sobre o sentimento de constrangimento em comer o pão, o ficar ofendido pela formulação do convite e a questão se o informante iria ou não comer o pão:

### QUADRO 4 Sentir-se-ia constrangido(-a) em comer o pão?

#### Sexo Masculino N=52

	Números	Percentagem
Respostas Afirmativas	20	38%
Respostas em Branco	14	27%
Total	34	65%

#### Sexo Feminino N=82

	Números	Percentagem
Respostas Afirmativas	16	20%
Respostas em Branco	14	17%
Total	30	37%

Quase o dobro dos homens, relativamente às senhoras, sentir-se-iam constrangidos em comer o pão, e os homens responderam que ficariam ofendidos com esta formulação do convite quase cinco vezes mais frequentemente que as senhoras. Havia também uma grande diferença entre quem comeria o pão—79% das senhoras contra apenas 65% dos homens.

Ao alterar um pouco o contexto social, para dizer que havia “muita coisa no frigorífico” e para perguntar se iriam verificar isso, constatámos que um pouco mais de um terço de todos os informantes respondeu que iria

abrir a porta do frigorífico. No que diz respeito à manifestação do desejo de comer, parecia haver uma correlação positiva entre o grau de instrução e a declaração desse desejo:

**QUADRO 5**  
**Quem manifestaria a vontade de comer?**  
Percentagem conforme o grau de instrução

Grau de Instrução	Percentagem
< Ens. Sec. = Menos do que o Ensino Secundário	30%
= Ens. Sec.: = Igual ao Ensino Secundário	40%
> Ens. Sec.: = Mais do que o Ensino Secundário	62%

De todas as situações do inquérito, a mais complicada era a frase *Se não tens nada para fazer esta tarde, há um novo filme com Joaquim Almeida*, por termos pedido a sua avaliação em três contextos sociais diferentes: a) primeiro, uma conversa entre amigos; b) segundo, uma conversa entre um Chefe e o seu Adjunto em que o Chefe produziu a frase; e c) terceiro, essa mesma situação conversacional, mas desta vez com o Adjunto a dirigir-se ao seu Chefe. Para cada contexto, os informantes tinham de responder se interpretavam a frase como sendo sugestão ou convite (podiam indicar as duas interpretações). No Quadro 6 apresentam-se as análises dos dados correspondentes à interpretação da frase como convite; as análises da interpretação das frases como sugestão encontram-se no Quadro 7.

**QUADRO 6**  
**Interpretação da Frase:**

*Se não tens nada para fazer esta tarde,  
há um novo filme com Joaquim Almeida.*

Como CONVITE

	Conversa entre amigos	O chefe ao seu adjunto	O adjunto ao seu chefe
<b>Resultados globais</b> N=134	46 %	25 %	29 %
<b>Sexo do informante</b> N=52	Homens: 44 %	Homens: 22 %	Homens: 28 %
N=82	Mulheres: 47 %	Mulheres: 26 %	Mulheres: 29 %
<b>Idade</b> N=43	15-23: 56 %	15-23: 56 %	15-23: 30 %
N=30	24-29: 52 %	24-29: 52 %	24-29: 46 %
N=42	30-44: 37 %	30-44: 37 %	30-44: 21 %
N=19	45+: 31 %	45+: 31 %	45+: 6 %
<b>Grau da instrução</b> N=22	< Ens. Sec.: 60 %	< Ens. Sec.: 41 %	< Ens. Sec.: 38 %
N=35	= Ens. Sec.: 45 %	= Ens. Sec.: 33 %	= Ens. Sec.: 44 %
N=60	> Ens. Sec.: 43 %	> Ens. Sec.: 16 %	> Ens. Sec.: 20 %

Quase metade dos informantes interpretou a frase como convite quando proferida numa conversa entre amigos. Não havia grande diferença em relação ao sexo do informante, mas constatámos que quanto mais jovem ou menos instruído fosse o informante, mais frequente a sua interpretação da frase como convite. No que dizia respeito ao contexto do Chefe ao seu Adjunto, atestámos as mesmas tendências que acabámos de referir.

A interpretação da frase quando pronunciada por um Adjunto ao seu Chefe já foi mais problemática. Surpreendentemente a interpretação como convite, visto do ponto de vista global, foi maior neste contexto do que no contexto anterior. Quase metade dos informantes de entre 24 e 29 anos interpretou a frase como convite, contra apenas 6% dos informantes com 45 anos ou mais. Tampouco existia uma correlação estreita entre idade e a interpretação. Como explicar estes valores? Uma explicação possível é que os informantes do grupo etário de 24-29 já estabeleceram (ou pensavam poder estabelecer) uma relação com o seu Chefe que lhes permitia poder convidá-lo (ou convidá-la) para uma actividade em tempo pós-laboral.

### QUADRO 7 Interpretação da Frase:

*Se não tens nada para fazer esta tarde,  
há um novo filme com Joaquim Almeida.*

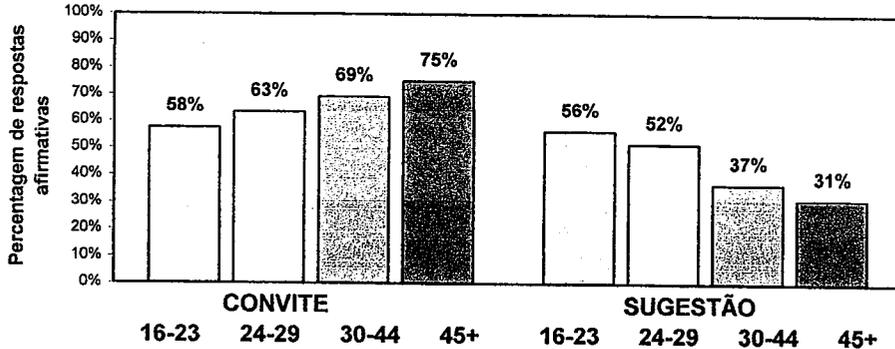
#### Como SUGESTÃO

	Conversa entre amigos		O chefe ao seu adjunto		O adjunto ao seu chefe	
<b>Resultados globais</b> N=134	65 %		79 %		74 %	
<b>Sexo do informante</b>						
N=52	Homens:	69 %	Homens:	84 %	Homens:	74 %
N=82	Mulheres:	62 %	Mulheres:	76 %	Mulheres:	74 %
<b>Idade</b>						
N=43	15-23:	58 %	15-23:	81 %	15-23:	73 %
N=30	24-29:	63 %	24-29:	80 %	24-29:	63 %
N=42	30-44:	69 %	30-44:	70 %	30-44:	79 %
N=19	45+:	75 %	45+:	100 %	45+:	94 %
<b>Grau de instrução</b>						
N=22	< Ens. Sec.:	60 %	< Ens. Sec.:	66 %	< Ens. Sec.:	69 %
N=35	= Ens. Sec.:	62 %	= Ens. Sec.:	73 %	= Ens. Sec.:	60 %
N=60	> Ens. Sec.:	68 %	> Ens. Sec.:	86 %	> Ens. Sec.:	83 %

A análise da interpretação da frase como uma **sugestão** também nos convidou a examinar a sociedade para encontrar explicação. No que diz respeito a uma conversa entre amigos, vemos o padrão inverso daquilo que vimos com o convite, como o gráfico ilustra.

## GRÁFICO 1

Amigo: "Se não tens nada para fazer esta tarde..."  
Convite vs. Sugestão  
(por grupos etários)



No entanto, nos outros dois contextos há um grupo etário cujos valores quebraram a sequência aparentemente "natural". No contexto do Chefe em relação ao seu Adjunto, foi no grupo etário 30-44 que se verificou o valor mais baixo, ou seja, o que menos encarou a frase como sugestão. No contexto em que o Adjunto fala com o seu Chefe, foi o grupo de 24 a 29 anos que evidencia o valor mais baixo.

É possível encontrar uma explicação para estes dados? Nos últimos anos em Portugal tem-se mencionado que o diálogo entre pessoas de posições hierárquicas diferentes se torna gradualmente mais informal (e.g., nem sempre se verifica a utilização de títulos, se não à frente de terceiros). Se considerarmos a possibilidade que os informantes no grupo etário 30-44 possam ter posições hierárquicas superiores em relação aos informantes com 24-29 anos, e, mais, que o relacionamento entre Chefes e Adjuntos seja mais próximo, encontramos assim uma explicação para ambos os valores, ou seja, que os informantes do grupo etário 30-44 se sentem mais à vontade para convidar o seu Adjunto (ou Adjunta) para uma actividade pós-laboral, e que há maior probabilidade de os informantes no grupo 24-29, de igual modo, receberem convites dos seus Chefes. No entanto, devemos ter em conta que os números não chegam aos 50%; portanto, esta tendência, se é que existe, ainda não é dominante.

O último aspecto a pôr em foco neste artigo é a formulação de convites por parte dos informantes. É-nos possível constatar agora que os portugueses incluem actos de fala condicionais ao lado de outras possíveis construções, ao contrário daquilo que concluímos em Oliveira & Takahara (2000). Dos 134 informantes, 127 apresentaram frases para oferecer algo de comer a uma outra pessoa. Evidentemente, muitas das frases não eram condicionais, mas onze pessoas (8%) forneceram frases do tipo em apreço. Utilizando o esquema que serviu de ponto de partida para a nossa discussão, comprovamos que os informantes forneceram frases tanto correspondendo ao nível 1 como ao nível 0. No Quadro 8 apresentam-se as frases propostas pelos informantes; é feita uma distinção entre formulações mais directas vs. indirectas a nível 0. Na formulação mais indirecta, o acto de fala está expresso, mas a linguagem escolhida não exprime tão claramente esse acto de fala. No exemplo de *Se se sentir com fome, tenho muito gosto em poder oferecer alguma coisa*, a frase inclui o convite, mas está revestido no facto do interlocutor dizer sentir prazer em poder convidar o outro. Esta frase contrasta com *Se estiver com fome, posso ir buscar algo para comer*, frase do nível 1, porque o interlocutor afirma que pode ir buscar comida, mas o convite para a comer não está expresso.

**QUADRO 8**  
**Graus de Coesão Semântica entre as Orações**

Nível	
<b>0</b>	<p style="text-align: center;"><b>Não há hiato semântico que é preciso saltar para se poder entender a frase; o acto de fala está claro e expresso.</b></p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 80%;"> <p><i>Se quiseres outra coisa, é só dizeres.</i></p> <p><b>Dos informantes em 2002:</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Formulações mais directas:</b></p> <p><i>Se estiver com fome, sirva-se à vontade, como estivesse em sua casa.</i>  <i>Se estiverem com fome, sirvam-se.</i>  <i>Se lhe apetecer comer alguma coisa, diga.</i>  <i>Se quiser comer algo, esteja à vontade.</i>  <i>Se quiser um biscoito, diga, eu vou buscar.</i>  <i>Se quiseres comer, diz, que eu vou buscar algo para comer.</i>  <i>Se tiver com vontade de comer, sirva-se de ...</i></p> <p style="text-align: center;"><b>Formulação mais indirecta:</b></p> <p><i>Se se sentir com fome, tenho muito gosto em poder oferecer alguma coisa.</i></p> </div> <div style="width: 15%; text-align: center; border-left: 1px solid black;"> <p>(Frase de controle)</p> </div> </div>
<b>1</b>	<p style="text-align: center;"><b>Os núcleos léxicos das duas orações têm uma relação semântica próxima; no entanto, o acto de fala é subentendido, não expresso.</b></p> <p><b>Dos informantes em 2002:</b></p> <p><i>Se estás com fome, há comida na cozinha.</i>  <i>Se estiver com fome, posso ir buscar algo para comer.</i>  <i>Se tiver com fome, vou pôr na mesa algo para se comer e beber.</i></p>

Tendo examinado alguns dos resultados deste estudo, estamos em condições de avaliar o ponto da situação. Uma das nossas conclusões relaciona-se com a compreensão pragmática dos actos de fala, que parece ter uma ligação com as expectativas sociais dos falantes. No exemplo anterior com a frase *Se não tens nada para fazer esta tarde...*, esperamos ouvir convites por parte dos nossos amigos; daí existir uma predisposição para uma interpretação de convite que não existe nas relações hierárquicas. Parece-nos natural que quando o Chefe pronuncia a frase, a interpretação mais frequente seja de sugestão.

Mas os resultados mais surpreendentes talvez tenham sido os que revelam a reacção dos homens relativamente ao convite tão indirecto para comer pão. Porque será que reagiram tão negativamente (maior constrangimento, maior número que se sente ofendido, etc.)? Sugerem-se duas razões: primeiro, em termos de comportamento social, os homens portugueses costumam ser servidos. Como o acto de fala condicional lhes confere o direito (e talvez a obrigação) de irem buscar a sua própria comida, parece não ser tão aliciante como um convite do tipo *Posso oferecer-lhe algo?* O segundo raciocínio que podemos considerar relaciona-se com a ideia de os homens terem tendência de utilizar linguagem mais directa que as senhoras. É-nos fácil imaginar, então, que do mesmo modo preferem ouvir construções linguísticas mais directas. Numa próxima versão do inquérito, iremos tentar averiguar se os homens preferem ouvir pedidos formulados de forma mais directa (e.g., *“Ó amor, leva os miúdos até à escola, por favor”*, em vez de *“Ó amor, se não estiveres com muita pressa, os miúdos têm aulas hoje às 8h.”*).

Como dissemos anteriormente, os resultados aqui apresentados referem-se apenas a uma parte do inquérito; no entanto, estas análises contribuem para avançar os nossos conhecimentos relativamente a aspectos de delicadeza e de comunicação em português. Entre os próximos passos a seguir é a análise e comparação dos

dados sobre as formas de tratamento para verificar a existência de possíveis correlações entre os dados apresentados nos dois inquéritos, bem como a reestruturação dos inquéritos em japonês, de forma a iniciar um estudo mais geral sobre perspectivas comparativas entre as normas de delicadeza em português e em japonês.

### **Referências**

- de Oliveira, Sandi Michele. 1999. Coesão e coerência em actos de fala condicionais. Comunicação apresentada no *XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Faro, Portugal.
- \_\_\_\_\_. 2000. " 'If you're hungry, there are cookies on the table': Semantic Cohesion in Speech Act Conditionals," *Intercultural Communication Studies* XI:1, pp. 95-116.
- de Oliveira, Sandi Michele de & Kumiko Takahara. 2000. Speech act conditionals in Japanese and Portuguese: Methodological issues. Comunicação apresentada no *Sociolinguistics Symposium 2000*, Bristol, Reino Unido.
- Sweetser, Eve. 1998. Linguistic Compositionality and Mental Spaces. Comunicação apresentada na Faculdade de Estudos Humanísticos, Universidade de Copenhaga, Dinamarca.
- Takahara, Kumiko & Sandi Michele de Oliveira. 2000. Speech act conditionals in Japanese and Portuguese: Pragmatic and semantic considerations. Comunicação apresentada no *International Pragmatics Conference*, Budapeste, Hungria.